



A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA SOCIEDADE DISTÓPICA DE *O CONTO DA AIA* DE MARGARETH ATWOOD

Ariadne Maria dos Santos Malheiros
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: ariadnemalheiros.eng@gmail.com

INTRODUÇÃO

571

O Conto da Aia é um romance contemporâneo, escrito por Margaret Atwood na Alemanha em 1985. Atwood, escritora canadense, tem uma vasta produção de ficção e não-ficção, com discursos que atravessam a esfera literária com a epistemologia feminista. A narrativa do romance está centrada num tempo futuro não identificado e é realizada em primeira pessoa, por uma protagonista feminina que sobrevive à instalação de um regime totalitário nos Estados Unidos, estruturado a partir da opressão, dominação e exploração das mulheres.

O Conto da Aia, apesar de parecer real em muitos aspectos ao tratar de uma sociedade gerida por um governo patriarcal e teocrático, pertence a literatura distópica. Hilário, ao estudar a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade, apresenta que “as distopias problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam (...) elas enfatizam os processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância total dos indivíduos, controle da subjetividade a partir de dispositivos de saber etc.” (HILÁRIO, 2013, p. 206).

A obra em análise é uma narrativa que denuncia o sistema opressor patriarcal - machista, misógino e sexista - e expõe a violência sofrida por mulheres na nova sociedade da República de Gilead, após a derrocada da democracia estadunidense. A literatura como construção e, portanto, linguagem regida por códigos, pode ser pragmática no compromisso social e engajamento político de denúncia às opressões de raça, gênero, sexo e ditames morais.

Na República de Gilead, as mulheres são as mais prejudicadas, perdem liberdade, direitos políticos, civis e sociais, são proibidas de ler, escrever e conversar o que não fosse permitido pelas regras do sistema. Sua função precípua, a partir de então, passa a ser conceber filhas e filhos para a reprodução da nova República. O patriarcado,



não se encontra impregnado apenas nos ambientes familiares do mundo ficcional de Gilead, pelo contrário, está em todos os ambientes, quando, por exemplo, legislam sobre os corpos das mulheres. O regime de gênero, pensado como forma de organização social das relações de produção e de reprodução da vida, está presente em todos os espaços públicos e privados. O binarismo nessa sociedade distópica, marcada pela oposição feminino *versus* masculino, naturaliza as diferenças e a hierarquia entre mulheres e homens.

As relações sociais de sexo e a divisão sexual do trabalho são indissociáveis para Danièle Kergoat (2018), socióloga, militante e pesquisadora. Na concepção desta intelectual, uma das características das relações sociais de sexo é que elas são antagônicas porque os valores e as representações criadas para homens e mulheres são distintos. Além disso, são também transversais, como se pode observar no mercado de trabalho ou no liame patrão/empregada.

Os papéis sociais assumidos pelas mulheres foram, ao longo dos anos, reproduzidos na figura da esposa ou da prostituta. A primeira como mãe, cuidadora do lar, transformada em ser inferior; a segunda submetida ao poder econômico do homem, aquela que o serve sexualmente. (LESSA, p.28, 2012).

No que tange os debates acerca da violência contra a mulher, Saffioti (2015) informa que esta se materializa assim que há a ruptura da integridade da vítima, em qualquer nível, seja ele, físico, psicológico, sexual ou moral - e não ocorre isoladamente. Entretanto, a autora não centraliza o conceito de violência apenas com a ruptura destas integridades, pois “a violência não encontra lugar ontológico”.

A superação das desigualdades na sociedade de classes, racista, sexista e cis-heteropatriarcal é necessária e urgente para que se enfrente a violência contra a mulher. Uma das maiores expoentes da antropologia feminista e marxista dos Estados Unidos, Eleanor Burke Leacock (2019), traz a reflexão de que a exploração, a desigualdade e a competição desumana da sociedade é, necessariamente, resultante de um produto histórico, pois, por vastos séculos, a humanidade esteve sob a égide da cooperação e do igualitarismo.

Sendo assim, a discussão sobre a violência de gênero é fundamental na sociedade contemporânea. Nesta perspectiva, este trabalho visa analisar a violência vivida por mulheres na narrativa distópica de *O Conto da Aia* (2017), especificamente nas cenas de estupros que compõe o ritual da concepção e o ritual do parto, com vistas a apontar as determinações no processo de objetificação e apropriação do corpo feminino.



METODOLOGIA

O Conto da Aia foi publicado originalmente em inglês em 1985 com o título de *The Handmaid's Tale* e posteriormente adaptado para o cinema, ópera, série de TV e traduzido em diversas línguas, inclusive para o português brasileiro. No Brasil, o romance foi publicado primeiramente com o título de *A História da Aia*, em 1987, pela editora Marco Zero, com tradução feita por Márcia Serra. Em 2006, a editora Rocco publicou uma nova tradução já com o título *O Conto da Aia* - um trabalho desenvolvido pela tradutora Ana Deiró (FREITAS, 2021).

Nesta pesquisa será utilizada a obra traduzida por Ana Deiró em 2017, publicada também pela editora Rocco. Editora que mais empenhou esforços para traduzir as obras de Atwood no Brasil, até então. *O Conto da Aia* é composto por 366 páginas subdivididas em 46 capítulos narrados em primeira pessoa por Offred, a aia protagonista da história, e uma segunda parte intitulada *Notas Históricas Sobre o Conto da Aia*, um epílogo narrado no ano de 2195 por um professor durante um simpósio sobre os estudos feitos a respeito da República de Gilead.

No sentido de alcançar os objetivos definidos, esta pesquisa utilizará o Estruturalismo Genético da Literatura, conforme proposto por Lucien Goldmann, para compreender e explicar as cenas selecionadas em *O Conto da Aia*. Tal perspectiva implica em fazer um estudo das ideias contidas na obra literária. Busca-se, então, localizar o sujeito transindividual produtor, em última instância, da visão de mundo circunstanciada na narrativa, combinando a compreensão do seu significado imanente, com sua explicação, como parte de uma totalidade articulada mais ampla. Trata-se de uma abordagem dialética e complexa da relação entre literatura e realidade, mediada por múltiplas determinações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A opressão feminina embasada nos ideais patriarcais é tema de estudo de pesquisadores e pesquisadoras que se adentraram na narrativa de Atwood. Neto e Cavalcanti reiteram que “O estupro e a escravidão de corpos femininos certamente ecoam várias outras distopias anteriores compostas sob enfoque de gênero, como em *O Conto da Aia*” (NETO e CAVALCANTI, 2020, p. 155).



Nielsson e Delajustine (2019) trazem um estudo sobre o controle biopolítico sobre os corpos femininos em *O Conto da Aia* e afirmam que os fatos narrados na República distópica de Gilead aproximam-se da realidade brasileira. As autoras declaram que “em tempos de crueldade patriarcalista, é no corpo feminino que a violência especializa-se e toma forma, em um espaço-corpo situado em estado de exceção permanente” (NIELSSON e DELAJUSTINE, 2019, p. 1085).

A pesquisa, ainda em desenvolvimento, já permite verificar que a literatura distópica de *O Conto da Aia* reporta a realidade da violência de gênero e coloca em debate os direitos das mulheres, objetificação do corpo feminino, dominação masculina, sistemas patriarcais, sexismo, teonomia e regimes autoritários. O trabalho tem possibilitado questionar e discutir questões que envolvem a ideia de feminino e sua relação com a violência institucional.

Observada a análise inicial, construída a partir da percepção do que é exposto pela narradora personagem do romance, as mulheres são violadas por uma estrutura de poder que busca se reproduzir. A partir de referências históricas, Atwood constrói o mundo distópico da República de Gilead, exorta crítica contundente à cultura misógina e aos governos autoritários e destaca a articulação entre fascistas e fundamentalistas religiosos.

CONCLUSÕES

Com cenário futurístico, *O Conto da Aia*, permite estudar e problematizar a violência sofrida por mulheres dentro de uma sociedade de regime autoritário. Há nas cenas desta narrativa, de forma crítica apresentada pela autora, uma tentativa de normalização da violência sexual e gestacional justificada em preceitos divinos.

Esta distopia expõe a violência de gênero e aborda os mecanismos sociais de poder e controle impostos as mulheres, permitindo formular a respeito da subjetivação do feminino nas sociedades hierarquizadas.

PALVRAS-CHAVE: Violência. Gênero. Patriarcado. Mulheres. Distopia.



REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

FREITAS, Thaís da Silva. **Procedimentos Técnicos da Tradução em O Conto da Aia**. Monografia. Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2021.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Teoria crítica e literatura: A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade**. Anu. Lit., Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013.

KERGOAT, D. **Dinâmica e Consustancialidade das relações sociais**. Tradução de Antônia Malta Campos. In: Novos Estudos. CEPRAB, nº 86 – março, 2010, p.93-103.

LEACOCK, Eleanor Burke. **Mitos da dominação masculina: Uma coletânea de artigos sobre as mulheres numa perspectiva transcultural**. São Paulo: Instituto Lukács, 2019.

LESSA, Sérgio. **Abaixo a Família Monogâmica!** São Paulo: Instituto Lukács, 2012.
LÖWY, Michael. Goldmann e o estruturalismo genético. Serviço Social e Sociedade, n. 21, 1986.

NETO, Pedro Fortunato de Oliveira; CAVALCANTI, Ildney de Fátima Souza. **Representações de opressão de gênero em O Ano do Dilúvio, de Margaret Atwood**. Revista de Letras, 2020

NIELSSON, Joice Graciele; DELAJUSTINE, Ana Claudia. **O estado de exceção em Giorgio Agamben e o controle biopolítico sobre os corpos femininos: a realidade da distopia “O Conto da Aia” na vida das mulheres brasileiras**. Revista Argumentum, Marília/SP, V. 20, N. 3, pp. 1.083-1.106, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. 2ª edição, São Paulo: Expressão popular: fundação Perseu Abramo, 2015.